

## Resenha

### **A reintegração dos portadores de cegueira adquirida na idade adulta: uma abordagem psico-social**

*por Elizabeth Canejo*

Essa resenha tem como objeto a dissertação de mestrado defendida pela autora, junto à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1996. O trabalho foi baseado numa pesquisa de campo onde foram entrevistadas 12 pessoas, entre 20 e 50 anos, que perderam a visão na idade adulta. O estudo pretendeu analisar as consequências da cegueira adquirida no reajustamento destes indivíduos.

O QUE ME MOTIVOU A ESCREVER sobre este assunto foi a dificuldade que encontrei (quando perdi a visão aos vinte e oito anos de idade e me vi literalmente “às cegas”), para me adaptar à nova vida que eu devia enfrentar daí para frente, pois eu nada sabia sobre cegueira e, muito menos, como se vivia sendo cega. Em outras palavras, o que seria possível fazer para reaprender tudo de novo e minimizar a dependência imposta pela cegueira.

No início, eu sentia a necessidade de me relacionar com as pessoas que estavam nas mesmas condições que eu, e precisava também conhecer de perto os profissionais da área, a fim de entender melhor como vivem as pessoas cegas e, em especial, as que foram atingidas pela cegueira na idade adulta: seu modo de vida, estudo, trabalho, relacionamento social. Foi então que procurei o Instituto Benjamin Constant, instituição especializada na educação e reabilitação de pessoas cegas e de visão subnormal, onde comecei a ser atendida.

Utilizou-se no estudo o método de história de vida. As categorias de análise foram levantadas a partir dos depoimentos dos sujeitos, prestados por meio de entrevistas abertas. Estas categorias foram assim divididas: sensação com relação à perda, relacionamento (subdividido em família, amizade, namoro, casamento e filhos), reabilitação (subdividida em estudo e trabalho) e vida social.

A análise dos dados foi feita com respaldo teórico de diversos autores que estudam a questão da integração de pessoas portadoras de deficiências, além da minha visão pessoal, por me encontrar inserida neste contexto.

A ocupação profissional foi identificada como requisito básico para a reintegração dos portadores de cegueira adquirida, não só por fatores econômicos, que possibilitam a eles manterem sua independência e sustento, mas também como forma de ajustamento pessoal.

Evidenciou-se o desejo dos sujeitos por sua reabilitação e por uma vida o mais normal possível. A marginalização devido ao preconceito e à ignorância da sociedade, o relacionamento na maioria das vezes conturbado entre o deficiente visual e a sua família, e a desmitificação da incapacidade do cego em relação ao trabalho e tarefas cotidianas foram algumas das situações identificadas que necessitavam uma reversão. A conclusão da dissertação é uma análise da situação dos centros de reabilitação para portadores de deficiência visual.

Vale a pena ressaltar que, no princípio, o que me levou para esta direção foi a curiosidade que eu tinha como deficiente de entender melhor minha situação. Mais tarde, foi a satisfação de ajudar outros como eu, e com eles compartilhar todo o conhecimento que adquiri, tanto no nível pessoal quanto profissional de Educação Especial, com a convivência institucional e pessoal (dentro e fora do Instituto Benjamin Constant), ao longo dos meus sete anos de cegueira.

O trabalho apresentado não consiste em nenhuma autobiografia, e sim em reflexões e questionamentos meus e de pessoas que entrevistei, a fim de substanciar esta dissertação. A idéia de fazer este projeto voltado para as pessoas que perderam a visão na idade adulta surgiu porque constatei, através de pesquisas junto às instituições e aos especialistas em deficiência visual, que não existe qualquer publicação deste gênero no Brasil.

Neste contexto, visando fornecer subsídios à reabilitação e reintegração social do deficiente visual, parti do pressuposto de que este trabalho não é um tratado sobre a cegueira, e sim um relato de acontecimentos que enfatiza outras perdas, implicitamente ligadas a própria perda da visão, que limitam ainda mais o indivíduo cego.

Cabe ressaltar a importância de se observar e conhecer separadamente cada indivíduo como um todo, examinando os problemas, dificuldades e/ou limitações que o impedem de alcançar os objetivos desejáveis à sua reabilitação e integração social. A cegueira deve ser encarada de modo prático e objetivo, sem pieguice ou paternalismo, visto que os cegos não precisam de superproteção e sim de compreensão e ajuda nas situações que demandam única e diretamente o uso da visão. Fora isto, a pessoa cega é suficientemente capaz de executar qualquer tipo de tarefa, respeitado-se é claro, as limitações de cada um.

Observando parte da comunidade cega, da qual também faço parte, e me incluindo como objeto de pesquisa (embora não seja um dos entrevistados), posso concluir que as reações da perda da visão na idade adulta ocorrem de forma diferenciada, de acordo com a estrutura psicológica de cada um e o meio que o cerca. Os depoimentos obtidos dos indivíduos por mim entrevistados no curso desse trabalho, dão conta de que a perda da visão na idade adulta, pode se apresentar de forma arrasadora para alguns, enquanto para outros, com o passar do tempo, tornar-se apenas um inconveniente desagradável.

Diante deste quadro, vemos então pessoas recém-cegas capazes e inteligentes recuando, pois não encontram estímulos para prosseguir. Eles se sentem tolhidos pelo meio social que não os compreende, e com isso se fecham em si mesmos ou preferem o convívio só com outros cegos. Assim, são levados à segregação (às vezes sem perceberem), e com isso não se aperfeiçoam e nem se integram. Esse encaminhamento à segregação é o maior mal que a cegueira pode causar a um indivíduo.

A dissertação é um trabalho sobre a cegueira, não no seu aspecto médico e nem sobre como preveni-la, mas sim sobre o que ela causa às pessoas quando ocorre, e, mais especificamente, sobre a cegueira que atinge o adulto, preocupação central do trabalho.

Espero que esta experiência possa servir de base para o preenchimento de uma lacuna existente na comunidade acadêmica, e, também, contribuir de forma esclarecedora à sociedade de um modo geral, sobre o que as pessoas cegas vivenciam, podem e devem fazer, sem a intervenção do paternalismo e os preconceitos arraigados de nossa cultura social.

Elizabeth Canejo é professora do IBC, com Mestrado em Educação Especial.